

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

Bruna de Oliveira Aguirre

A INCONSISTÊNCIA DO TEMPO:

UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA SOBRE A TEMPORALIDADE NO TRAUMA

São Paulo, SP

2024

BRUNA DE OLIVEIRA AGUIRRE

**A INCONSISTÊNCIA DO TEMPO:
UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA SOBRE A TEMPORALIDADE NO TRAUMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa.

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

No meu percurso acadêmico e durante a elaboração deste trabalho de conclusão de curso gostaria de agradecer vivamente algumas pessoas:

A meu orientador, Diogo Arnaldo Corrêa, que acolheu minha proposta de estudo, agradeço a leitura minuciosa, sugestões, contribuições, estímulo e todo cuidado e afeto durante este processo.

As minhas amigas: Daniela, Giovanna, Marcella e Sthefany agradeço-lhes pelas alegrias e acolhimento durante todo o nosso percurso acadêmico, pelas percepções compartilhadas e questionamentos, mas também pela amizade que se tornou um alicerce em minha vida.

A minha amiga Lina, agradeço com profunda gratidão a toda escuta ativa, pelo cuidado, sugestões durante a elaboração deste trabalho, aos anos de amizade e acima de tudo por acreditar e incentivar minha jornada na psicologia.

A Luca agradeço por segurar minha mão, escutar minhas ideias, leituras e devaneios e por tudo aquilo que não cabe neste agradecimento, mas cabe na vida e seus encantamentos.

A Antônia agradeço por permanecer comigo em cada passo e aos sonhos que me deixou como um solo em que pude caminhar.

A meus pais, Cristiane e Wanderley, e a meu irmão, Thiago, agradeço pelo amor incondicional, por estarem ao meu lado, guiando-me com paciência e encorajando-me com ternura. Cada palavra escrita neste trabalho que me permite conquistar este diploma é um reflexo do apoio inabalável de vocês, um reflexo do amor e inspiração que vocês me ofereceram ao longo dos anos.

RESUMO

AGUIRRE, Bruna de Oliveira. **A inconsistência do tempo:** uma análise fenomenológica sobre a temporalidade no trauma. 45 fl. TCC (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

Área do Conhecimento: 7.07.00.00-1- Psicologia

Subárea do Conhecimento: 7.07.10.00-7- Tratamento e Prevenção Psicológica

Título: **A inconsistência do tempo:** uma análise fenomenológica sobre a temporalidade no trauma.

Ano: 2024

Orientador: Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa

Autora: Bruna de Oliveira Aguirre

Esse estudo teve como objetivo investigar a relação intrínseca entre Temporalidade e o adoecimento psíquico associados ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), empregando uma abordagem analítica fenomenológica existencial com base em algumas perspectivas dadas por Martin Heidegger no tocante à análise. Por meio de uma revisão bibliográfica abrangente, foram exploradas as interseções entre temporalidade, fenomenologia existencial e traumatologia, fornecendo uma compreensão aprofundada das nuances filosóficas envolvidas no contexto de trauma psicológico. Discutiu-se como a experiência de um trauma modifica o horizonte temporal do sujeito e como essa mudança na percepção do tempo pode exercer uma influência significativa no processo de recuperação como no impacto psíquico subsequente aos eventos traumáticos.

Palavras-chave: Temporalidade; Trauma; TEPT; Heidegger.

ABSTRACT

AGUIRRE, Bruna de Oliveira. **A inconsistência do tempo:** uma análise fenomenológica sobre a temporalidade no trauma. 45 fl. TCC (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

Área do Conhecimento: 7.07.00.00-1- Psicologia

Subárea do Conhecimento: 7.07.10.00-7- Tratamento e Prevenção Psicológica

Título: **A inconsistência do tempo:** uma análise fenomenológica sobre a temporalidade no trauma.

Ano: 2024

Orientador: Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa

Autora: Bruna de Oliveira Aguirre

The purpose of this study was to investigate the intrinsic relationship between Temporality and psychological illness associated with Post Traumatic Stress Disorder (PTSD), employing an existential phenomenological analytical approach based on perspectives given by Martin Heidegger with regard to the analysis. Through a comprehensive literature review, the study explores the intersections between temporality, existential phenomenology and traumatology, providing an in-depth understanding of the philosophical nuances involved in psychological trauma. We discussed how the experience of a trauma alters an individual's perception of time, and how this shift can significantly influence the recovery process as well as the psychological impact following traumatic events.

Keywords: Phenomenology; Temporality; Trauma; PTSD

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
2 PERCURSO DO ESTUDO.....	11
3. TRAUMA	13
3.1 Historiografia do trauma	13
3.2 DSM-V e o tratamento psiquiátrico vigente.....	17
3.3 Trauma no campo da Psicologia	18
3.4 Trauma e Fenomenologia-Existencial.....	20
4 SOBRE O TEMPO	25
4.1 Tempo e História.....	25
4.2 Tempo na concepção de Heidegger.....	29
5 O TRAUMA E TEMPORALIDADE	33
6 DESFECHOS	38
REFERÊNCIAS.....	40

1 APRESENTAÇÃO

Uma das minhas obras de arte preferida é do pintor surrealista Salvador Dalí, na qual existem diversos relógios derretendo espalhados por um ambiente avulso - a obra é intitulada *a persistência da memória*. A imagem ressoa profundamente no meu imaginário, cada pequeno detalhe, a forma como cada relógio está estruturado em um ponto de deterioração, onde cada ponteiro sinaliza um horário, como é criada uma dualidade da costa do mar vivida em oposição ao chão árido e a árvore sem folhas. Dalí abarca naquela obra uma sensação indescritível sobre como o tempo passa, mas a memória se mantém, ela persiste.

Esta obra surrealista explica em parte o que eu refleti e abordei neste trabalho: sobre como a memória perpassa e resiste às nossas mudanças, como o nosso passado é tão vivido e palpável quanto o nosso agora.

Vejo a construção do tempo como vejo a obra de Dalí: desconstruída e fragmentada, com o tempo fora de seu cronos - ou seja - fora das segmentações de passado, presente e futuro. O tempo cronológico refere-se à medida objetiva do tempo, baseada em unidades como segundos, minutos, horas, dias, meses e anos. É o tempo que utilizamos para marcar eventos e estabelecer uma sequência linear de passado, presente e futuro. É o tempo que comumente utilizamos em nosso cotidiano para nos organizarmos e nos relacionarmos com o mundo ao nosso redor.

Este trabalho não enfocará essas noções da cronologia do tempo e sim a noção kairológica do mesmo, que está relacionada com a qualidade e a experiência subjetiva do tempo. Ele se refere ao momento oportuno, ao tempo de oportunidade, ao momento certo para tomar uma decisão, realizar uma ação ou experimentar algo significativo.

Kairós é um tempo mais subjetivo, ligado às percepções individuais e às circunstâncias específicas de cada situação. Portanto o tempo como um tecido da nossa vida, onde cada momento tem formas diferentes de concretização, esse minuto que está passando ao lado de quem amo são corridos e os minutos que eu passo na espera do ônibus são intermináveis - este modo autêntico de perceber a existência, que desfaz a ilusão de eternidade e continuidade do tempo cronológico, é chamado de kairológico.

Mas olhar a experiência da temporalidade é tão vasto como estudar o ser em si, então por razões metodológicas irei focar neste ensaio em algo mais particular e fechado: como a temporalidade se dá nas experiências pós-traumáticas.

Para realizar tal estudo irei me basear na analítica fenomenológica-existencial a partir de algumas perspectivas dadas por Martin Heidegger. A escolha deste enfoque para olhar essa temática se dá tanto por uma preferência pessoal, mas também por Heidegger em sua obra - *Ser e Tempo* - elucidar uma nova forma de compreender o ser humano, e por consequência tudo aquilo que o circunda, pois vai superar a substantivação da existência humana que era fundamentada pela Filosofia. Heidegger tem como sua principal meta a elaboração do sentido do ser, e um dos seus principais pontos em sua obra: a noção do ser humano como *Dasein*, que pode ser traduzido por *ser-no-mundo ou ser-aí*.

A fenomenologia Heideggeriana não entende o tempo como uma propriedade dos entes, mas como uma estrutura da consciência, isto implica que o tempo emerge das nossas vivências e percepções do mundo. O tempo é também um modo de acesso aos fenômenos. Através do tempo, podemos perceber mudanças e transformações nas coisas que nos rodeiam. Além disso, o tempo nos permite acessar o passado e o futuro, através da memória e da antecipação. Por meio da memória, podemos reviver experiências passadas, e através da antecipação, podemos planejar nossas ações futuras.

Para a análise fenomenológica pretendida nesse trabalho foi circundado o fenômeno trauma que - na minha perspectiva - é toda a experiência de uma dor emocional ou física que seja insuportável, imensurável, e esse sofrimento muitas vezes não chega a ser compreendido ou nomeado devido a intensidade desses sentimentos dolorosos. Além disso, as diferentes facetas do trauma vão afetar profundamente a forma de existir daquele ser-no-mundo de forma que ninguém em volta vai se quer entender como aquilo se apresenta.

Antes de pensar no caso de estresse pós-traumático é necessário pensar como é o funcionamento em formas de existir não patológicas, já que mesmo nessas situações o *Dasein*, está em uma fuga de seu ser, já que há o seu reconhecimento como finito, pois ocorre a antecipação do fim - *ser-para-morte* -, mas ele consegue em um modo cotidiano de existência uma tranquilidade, que pode levar a um encobrimento de sua condição de finitude, já que mesmo com essa tentativa de fuga do tempo (temporalidade) o *Dasein* nunca escapa de *ser-para-morte*. Portanto é notável por essa exposição que a temporalidade afeta o existir do *Dasein* de formas profundas e dolorosas mesmo na não patologia, então pensar como isso se intensifica ou não na patologia, em específico no estresse pós-traumático, vai ser o foco deste trabalho.

Delimitou-se como o objetivo deste estudo discutir teoricamente, de modo aprofundado, sobre como as experiências traumáticas afetam a percepção do tempo e a existência humana, pretendendo apontar sentidos para a compreensão e intervenção clínica em casos de trauma.

Esse estudo foi concebido e estruturado em três tópicos abrangentes que representam um domínio de investigação: Trauma, Sobre o Tempo e Trauma e Temporalidade.

O primeiro, “Trauma”, contém uma incursão na historiografia do trauma, entendendo os meandros etimológicos da palavra e sua transmutação, desde suas primeiras menções no século XVII até seu reconhecimento e classificação nos manuais diagnósticos contemporâneos. Esta primeira parte tem como objetivo refletir sobre o conceito de trauma como uma construção histórica que reflete as mudanças na interpretação ocidental do sofrimento.

A segunda sessão desta primeira parte foca em como são abordadas as características do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) conforme definido no DSM-V. Além disso é feita uma distinção entre a resposta de estresse agudo e crônico após um evento e uma exposição de quais são os protocolos de tratamentos psiquiátricos e farmacológicos como maior prevalência na atualidade.

Ainda dentro do desta primeira parte é explorada a história do trauma no campo da psicologia, destacando a influência seminal de Freud na compreensão dos efeitos psicológicos das experiências traumáticas, a evolução do conceito de psicossomática, desde suas origens psicanalíticas até suas manifestações comportamentais e multidisciplinares atuais. Ademais é feito uma breve discussão do conceito de trauma em seu contexto histórico-político atual, destacando sua onipresença na organização das sociedades ocidentais contemporâneas e sua importância na configuração das concepções humanitárias do sofrimento.

No primeiro tópico, por fim, são exploradas as perspectivas fenomenológicas de Husserl, Merleau-Ponty e Heidegger em relação à compreensão do trauma, pontuando como as perspectivas fenomenológicas oferecem abordagens ricas e complementares para entender a experiência do trauma, expandindo o escopo da traumatologia, destacando a importância da subjetividade, da corporeidade e das relações sociais na formação e na resolução do trauma.

A segunda parte deste trabalho, intitulado “Sobre o Tempo”, se inaugura com uma historiografia do conceito de tempo ao longo da história ocidental, desde os primórdios da humanidade até as teorias contemporâneas da física.

Todo este percurso é crucial para compreender a subsequente subseção: “Tempo na concepção de Heidegger”, já que ele rompe com as bases epistemológicas dos autores anteriores e oferecendo uma nova perspectiva fenomenológica sobre a temporalidade humana. É apresentado como Heidegger introduziu o conceito de Ontologia Fundamental, e inaugurou uma jornada em direção a uma compreensão mais profunda da existência humana, delineada

pela Analítica do Dasein. Ademais foi introduzido a temporalidade como um horizonte de significado que permeia a própria estrutura da existência.

Por fim, a última parte do trabalho, nomeada como “Trauma e Temporalidade”, emerge como síntese e articulação das seções anteriores, na qual vai ser delineado como as experiências traumáticas impactam a percepção temporal e a própria existência humana e como o trauma emerge como um catalisador que evidencia nossa condição de *Dasein*, constantemente imersos na temporalidade e na criação de nós mesmos.

2 PERCURSO DO ESTUDO

A pesquisa esteirou-se em revisão bibliográfica narrativa para abordar profundamente a literatura relevante sobre trauma, temporalidade e fenomenologia existencial. Tal revisionismo, conforme Cassoni (2013), caracteriza-se por discutir um assunto do ponto de vista teórico sem explicitar uma definição metodológica sobre a coleta e a interpretação dos dados.

A fundamentação da discussão a partir da fenomenologia existencial de Martin Heidegger, com enfoque em noções como ser-no-mundo (*Dasein*), temporalidade (*Zeitlichkeit*) e angústia (*Angst*), cuidado (*Sorge*) e autenticidade (*Eigentlichkeit*) partiu de uma revisão detalhada sobre esses temas na obra heideggeriana, buscando elucidar como eles podem lançar luz sobre a experiência do trauma e sua influência na nossa relação com o tempo.

Nessa direção, ensaiou-se uma análise hermenêutica de tais temas chave visando-se interpretar a relação de trauma e temporalidade. Esta etapa prendeu o alcance de uma compreensão aprofundada das nuances filosóficas envolvidas, e sua aplicação ao contexto de entendimento sobre trauma psicológico.

Para ampliar os eixos compreensivos deste trabalho relacionado a trauma e temporalidade foram apresentados excertos da obra “Uma Vida Pequena” de Hanya Yanagihara, para ilustrar, a partir de uma expressão literária, o que se pode apontar como angústia temporal.

O livro *Uma vida pequena* é um romance que tem como protagonista Jude St. Francis um homem atormentado pelo cruel e tortuoso passado. O protagonista foi abusado, violentado e machucado das formas mais vis que um ser humano pode ser. Passou sua vida com um pessimismo intrínseco, em que sua mente foi seu eterno carrasco, sempre a posto a torturá-lo continuamente, impedindo-o de viver além de seu passado. Jude foi roubado de sua inocência, sua juventude, seu ímpeto de viver, mas se mantém sobrevivendo, assombrado pelo seu passado quase palpável, e tendo sua realidade e visão de presente irreversivelmente estilhaçada e inseparável de seus traumas. Em contrapartida, o seu futuro parecia inexistente e Jude mostrou-se incapaz de conceber nada além dos danos sofridos. “*Uma vida pequena*” é uma história que abarca com perfeição como traumas são capazes de modificar nossa concepção de tempo, como o vivenciamos e como ele se molda pela nossa percepção.

Portanto este trabalho propôs uma investigação aprofundada sobre como as experiências traumáticas afetam nossa percepção do tempo e nossa existência, oferecendo insights teóricos para a compreensão e intervenção clínica em casos de trauma.

3. TRAUMA

3.1 Historiografia do trauma

A primeira menção da palavra “traumático” localiza-se na versão de 1656 do Oxford English Dictionary (Oxford English Dictionary, 1996, p.246) , apresentava uma significação restrita às lesões mecânicas da medicina cirúrgica. E é só a partir do século XIX que a psiquiatria começa a utilizar a terminologia para representação de estados psicológicos adversos com contornos etiológicos ainda imprecisos. (Young, 1996)

Como refere Schestatsky et al. (2003) a consciência do papel do trauma nas afetações psíquicas foi uma pauta em constante oscilação ao longo da história, a própria psiquiatria por muitos momentos expressou uma descrença obstinada sobre a relevância das histórias dos pacientes. A etiologia traumática gerou inúmeras dúvidas se seria ela uma representação orgânica ou psicológica? Existem predisposições psicológicas que aumentam a probabilidade do trauma constituir um transtorno mental? O evento é traumático ou a própria interpretação individual que cria o trauma? Essas são algumas das perguntas e inquietações que foram feitas ao longo da história sobre este fenômeno tão complexo e multifacetado.

“*The History of Trauma in Psychiatry*” Van der Kolk et al. (1996) aponta que um dos grandes primeiros registros que circundou esta temática, foi em 1857, em que o médico-legal Ambroise Tardieu publicou “Un etude medicolegale sur les Attendant aux Meours”, neste livro foi estudado agressões sexuais contra crianças e com esta publicação começaram a ser feitas as primeiras ligações entre os sintomas de “histeria” e histórias de trauma na infância. Concomitante a este momento eram realizadas pesquisas sobre casos de histerias, Pierre Briquet realizou uma pesquisa psiquiátrica com 501 pacientes histéricas e relatou que 76% delas apresentavam origens traumáticas.

Allan Young (2000) ao realizar sua etiologia do trauma chega em um nome fundamental: Jean-Martin Charcot (1887), ele desempenhou um papel fundamental na caracterização clínica da histeria, ele identificou e descreveu uma série de sintomas que ainda se encontram na classificação médica atual (DSM-V), como paralisias, convulsões e anestésias. Além disso, Charcot foi um dos primeiros médicos a contestar a ideia de que os sintomas histéricos/traumáticos eram puramente físicos, ele argumenta, mesmo que de forma superficial, que muitos desses sintomas eram de natureza psicológica e poderiam estar relacionados a distúrbios nervosos. Na sua perspectiva clínica, Charcot também apresentou inovações no que se refere a forma de “tratar” esses sintomas, foi introduzido técnicas que envolviam hipnose. O

trabalho de Charcot foi fundamental para iniciar toda uma linha de profissionais que começaram a questionar o caráter puramente orgânico das histerias e neuroses traumáticas, entre eles Pierre Janet e Sigmund Freud.

Pierre Janet (1889) percebeu que diferentes temperamentos predisponham formas distintas de lidar com estresse, ou seja, múltiplos estilos de enfrentamento. Os pacientes histéricos, cujos sintomas muitas vezes pareciam estar relacionados com traumas anteriores, eram incapazes de prestar atenção aos seus processos internos e de fazer uso adaptativo das suas percepções. Janet pensava que essas pessoas traumatizadas haviam se tornado incapazes de integrar memórias traumáticas, elas parecem ter perdido também a capacidade de assimilar novas experiências (Young, 2000)

Sigmund Freud, como foi dito acima, começou seus estudos sobre a histeria guiado pelo trabalho de Charcot, mas decidiu trilhar um caminho distinto para abordar os componentes emocionais das situações traumáticas. Freud inicia seu longo estudo sobre esta condição afirmando que “histéricos sofrem principalmente de reminiscências” (Freud, 1893/1996, p.43) e conforme ia trabalhando com as histéricas chega a conclusões importantes, a principal é a descoberta do inconsciente, afirmando que os sintomas histéricos eram manifestações de conflitos psicológicos não resolvidos, já que algo se torna traumático porque fica dissociado e fora da percepção consciente. (Peron, 2007)

As descobertas de Freud marcam um ponto de virada na história do trauma, primeiro por sua compreensão pioneira dos sintomas histéricos como manifestações de conflitos inconscientes, juntamente com suas técnicas terapêuticas inovadoras, lançou as bases para a psicanálise e influenciou profundamente a forma como vemos a mente humana e seu funcionamento até os dias de hoje. Freud deixou um legado duradouro no campo da psicologia, que continua a ser explorado e debatido por profissionais e estudiosos em todo o mundo.

Um momento que foi fundamental para Freud aprofundar ainda mais seus estudos sobre as neuroses traumáticas foi a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Freud começa a aplicar suas teorias psicanalíticas ao estudo das reações psicológicas dos soldados, ele começou a ampliar os seus estudos sobre outras neuroses, como a neurose obsessiva e de angústia, até chegar no conceito de neuroses de guerra, ele afirma que estas são desencadeadas por um acontecimento traumático ou provocadas por um conflito no eu. (Young, 2000)

Em certo ponto, a primeira guerra mundial promoveu um avanço sistemático sobre as pesquisas sobre traumas, e um interesse pela psicanálise se expandiu vertiginosamente, devido

à sintomatologia neurótica, a incidência dos casos, e também por uma ineficácia do tratamento elétrico.

Após Freud um nome muito importante para compreensão das experiências traumáticas foi Abram Kardiner, como aponta Van der Kolk et al. (1996) em *“History of trauma in psychiatry”*, que foi um psicanalista ex-analisando de Freud, que publica em 1941 durante a Segunda Guerra Mundial um livro chamado “As neuroses traumáticas de Guerra” que define o que seria o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT).

Kardiner argumenta que as neuroses de guerra não são apenas reações temporárias ao estresse de combate, mas sim distúrbios profundos que têm suas raízes no inconsciente e são moldados pelas experiências traumáticas vivenciadas pelos soldados em guerra.

Uma das contribuições mais importantes de Kardiner é a ideia de que as neuroses de guerra estão relacionadas com a quebra dos vínculos sociais e culturais normais. Kardiner também explora o conceito de "síndrome traumática crônica", que se refere a um estado persistente de angústia e retraimento social experimentado por muitos veteranos de guerra. Ele destaca a importância de abordagens terapêuticas que ajudem os indivíduos a processar e integrar as memórias traumáticas, permitindo-lhes recuperar uma sensação de normalidade em suas vidas.

Após o fim da Segunda Guerra surge uma necessidade de organizar sistemas diagnósticos, para uma padronização que atendesse as finalidades, acadêmicas, terapêuticas, legais, administrativas e financeiras e estabelecesse um consenso terminológico entre os clínicos (Alarcón;Freeman, 2015). Com esse intuito a Associação Americana de Psiquiatria (APA), em 1952, publica a primeira versão do DSM-I.

Porém é só em 1980 com a publicação do DSM-III que o termo Transtorno de Estresse Pós-Traumático entra como uma classificação diagnóstica. Este manual surge de uma necessidade de tornar o modo classificatório a-teórico, objetivo e “neutro”; rompendo com o ecletismo das classificações anteriores, promovendo uma lógica classificatória, no nível da hegemonia dos campos de saberes concorrentes.

Portanto nesse contexto de bio-medicalização ocorre uma ruptura com a abordagem psicanalítica, e várias classificações que tivessem correlação com essa linha são retirados do manual, o termo neurose, por exemplo, é descartado como categoria clínica, no DSM-II, por exemplo, as “Neuroses” apresentam 11 categorias diagnósticas, já no DSM-III ocorreu uma dissolução em pelo menos três agrupamentos, com um total de 18 transtornos.

Uma dessas novas categorias promovidas pela das dissoluções das neuroses é o que foi agrupado com “Transtornos de Ansiedade” (Anxiety Disorders) e dentro dessa classificação existem subdivisões e uma delas é “Post-traumatic stress disorder - 308.30”, traduzindo transtorno de estresse pós-traumático.

Neste manual está escrito que os sintomas principais são: reminiscência do evento traumático, entorpecimento da capacidade de resposta ou redução do envolvimento com o mundo externo, depressão e ansiedade - outros sintomas que também são usuais são: sonhos sobre o evento, dissociação, distúrbios do sono, comprometimento da memória, dificuldades de concentração e uma variedade de sintomas autonômicos, disfóricos ou cognitivos; também está descrito que pacientes que existem psicopatologias preexistentes aparentam ter predisposição de desenvolver esse transtorno.

O DSM-III caiu em desuso em 1994 com a publicação do DSM-IV, que define TEPT como “a revivência de uma experiência de evento extremamente traumático acompanhado de sintomas de aumento de excitação e de evitação de estímulos associados ao trauma.”(pág.393); Diferencialmente da 3º edição esta apresenta uma nova definição específica do que poderia ser classificado como trauma, que envolveria eventos de morte real ou ameaça de morte ou lesão grave, ou outra ameaça à integridade física de alguém; ou testemunhar um evento que envolva morte, ferimentos ou ameaça à integridade física de outra pessoa; ou tomar conhecimento de morte inesperada ou violenta, lesão grave ou ameaça de morte ou lesão sofrida por um membro da família ou outro associado próximo.

Essa nova edição também apresenta um novo diagnóstico de Transtorno de Estresse agudo, que consiste em perturbações psíquicas, semelhantes àquelas do TEPT, que ocorrem em muitos indivíduos após um trauma, com duração máxima de um mês.

Por fim, o trauma é uma invenção histórica resultante da conversão da violência em dano traumático. Seja como fratura, efração psicológica ou memória coletiva, o conceito de trauma reflete as transformações na interpretação ocidental do sofrimento e do infortúnio, e indica a emergência de uma sensibilidade social contemporânea politicamente orientada para a reparação e para o testemunho (Fassin, Rechtman, 2009).

3.2 DSM-V e o tratamento psiquiátrico vigente

O DSM-V é o manual em vigência na atualidade, ou seja, é o material utilizado por multiprofissionais para realizar um diagnóstico adequado e assertivo sobre os transtornos. Este material foi publicado em 2013 e apresenta algumas diferenças em relação aos anteriores

Nele, o TEPT está inserido dentro do Transtornos de Ansiedade em uma subdivisão de “Transtornos Relacionados a Trauma e a Estressores” e apresenta a CID (309.81) F43.10, os critérios diagnósticos são: a exposição a episódio concreto ou ameaça de morte, lesão grave ou violência sexual podendo ser desde uma vivência direta ou uma testemunha o evento; a presença de sintomas intrusivos associados ao evento (lembranças, sonho, reações fisiológicas e reações dissociativas); a evitação persistente de estímulos associados ao evento traumático ; alterações negativas em cognições e no humor; alterações marcantes na excitação e na reatividade associadas ao trauma.

Portanto, o TEPT pode ser caracterizado basicamente como um conjunto de sintomas envolvendo altos níveis de ansiedade e momentos em que o indivíduo tem a impressão de estar revivendo o evento traumático. Ainda dentro dos manuais e classificações médicas, como publicado pelo Manual MSD, é apontado que o transtorno de estresse pós-traumático afeta aproximadamente 9% das pessoas em algum momento de suas vidas, incluindo a infância (Barnhill, 2020)

Além da classificação dos possíveis sintomas é abordado que a resposta de estresse após um evento estressor pode ser aguda e momentânea ou pode ser crônica. Na resposta de estresse agudo, sendo essa definida como um estado transitório de excitação, com início e fim claros, o organismo tenta se adaptar da melhor forma possível ao evento estressor. Na reação ao estresse agudo, que é caracterizada como um momento temporário de excitação com começo e fim bem definidos, o corpo procura se ajustar da maneira mais eficaz ao estímulo estressor. No caso do estresse crônico, ou seja, quando há uma ativação contínua e o indivíduo percebe as demandas do ambiente como ultrapassando os recursos disponíveis interna e externamente, o corpo precisa se manter constantemente preparado para situação perigosa à qual foi ou continua sendo submetido (McEwen; Lashley, 2004; Gerrig; Zimbardo, 2005).

No TEPT, especificamente, o indivíduo tem uma sensação presente de ameaça (Ehlers; Clark, 2000), ficando em alerta constante. Dessa maneira, o organismo permanece num estado crônico de estresse, ativando um padrão de respostas para lidar com estímulos no ambiente

interpretados como ameaçadores. Devido a essa divisão da cronicidade dos sintomas um novo diagnóstico também foi incluído TEA (transtorno de estresse agudo), tendo como objetivo principal caracterizar reações graves e de curta duração em até quatro semanas após o trauma identificar indivíduos que poderiam subsequentemente desenvolver TEPT.

Outro ponto que ganhou destaque nos tratamentos e possíveis encaminhamentos é uma análise mais ampla de quais são os eventos estressores. Schiraldi (1999) categorizou em três grandes grupos: eventos intencionais provocados pelo homem, eventos não-intencionais provocados pelo homem e eventos provocados pela natureza. O primeiro grupo se enquadra em guerras, torturas, crimes, estupros etc. No segundo grupo seriam incêndios, acidentes aéreos ou automobilísticos, acidentes de trabalho, explosões etc. O último grupo seriam ataques de animais, terremotos, enchentes, epidemias, avalanches, tornados etc.

Os tratamentos vigentes para TEPT incluem psicoterapias e a farmacoterapia. Os medicamentos mais indicados são os ansiolíticos e os antidepressivos, os inibidores seletivos de recaptção de serotonina e outro antidepressivos, como, por exemplo, a mirtazapina e a venlafaxina, costumam ser indicados com maior frequência.

Algumas pesquisas foram realizadas para aprofundar sobre a prevalência deste transtorno. Sher (2004) realizou um estudo epidemiológico para compreender a prevalência de exposição a eventos estressores traumáticos ao longo da vida e encontraram taxas que variam de 40% a 90%, outro estudo realizado em 2005 por Kristensen apontou uma variação desde 57,1% a 89,6%. No que se refere a prevalência de TEPT, a prevalência média das pesquisas gira em torno de 1% a 9%, como apontou Sher (2004).

Nota-se, portanto, um evidente esforço em tentar entender o trauma, classificá-lo e dimensionar os seus efeitos, mas existem ainda dificuldades de especificar os transtornos, já que existem uma infinidade de particularidades que compõem as experiências traumáticas.

3.3 Trauma no campo da Psicologia

A história do trauma no campo da psicologia se inicia com os estudos sobre a histeria, Freud, como já debatido, ocasião em que Freud desempenhou o papel fundamental por ser um dos pioneiros a investigar e teorizar sobre os efeitos psicológicos de experiências traumáticas. Freud (1893, p.37) em sua conferência intitulada Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos postula “as razões imediatas do desenvolvimento dos sintomas histéricos devem ser

buscadas na esfera da vida psíquica”. Freud posteriormente estudou toda uma vasta categorização de adoecimentos decorrentes dos traumas, como a neurastenia, neurose de guerra, neurose de angústia etc.

Freud desta forma inaugura não só a psicologia como ciência como também toda uma nova forma de compreender os mecanismos que circundam o trauma, seus estudos inclusive influenciaram e influenciam todo e qualquer estudo dentro desta temática - autores, como Ferenczi e Dejour foram grandes expoentes nas investigações sobre esses fenômenos, eles identificaram diferenças importantes no que se refere ao funcionamento psíquico e ao lugar do corpo nesses pacientes em relação ao paciente histérico. Os trabalhos sobre a histeria, inaugurados por Freud, ao longo do tempo foram dando espaço para o estudo do que é chamado de psicossomática. (Peron, 2007)

O termo psicossomático surge no século passado com o médico Heinroth (1773-1843) em sua publicação intitulada *Desordens da alma*. Heinroth estudava a influência das “paixões sexuais”, em uma noção bem psicanalista, em algumas doenças principais de sua época, como tuberculose, câncer, epilepsia etc. Após se debruçar sobre este estudo, ele introduziu o termo somatopsíquica, para apresentar a hipótese da influência de fatores orgânicos nos efeitos emocionais, com o poder de modificar o estado psíquico. Apesar das semelhanças os adoecimentos psicossomáticos não são equiparáveis ao quadro clássico de histeria freudiano, uma vez que aquele este é marcado substancialmente por processos simbólicos e pelo mecanismo do recalque, o que não ocorre nos processos de formação do sintoma psicossomático (Volich, 2000).

O conceito de psicossomática passou por três fases distintas. A fase inicial, de cunho psicanalítico, destacava os conceitos da psicanálise, como o inconsciente, as teorias de regressão e os benefícios secundários do adoecimento. A fase intermediária, comportamental, promoveu pesquisas que contribuíram para os estudos sobre estresse. Já a fase atual, multidisciplinar, ressaltou a importância do aspecto social na psicossomática, exigindo colaboração entre vários profissionais de saúde (Mello Filho, 1992).

Na conjuntura histórico-política atual nos estudos, o Transtorno de Estresse Pós-Traumático emerge como o principal referencial cultural na abordagem do estresse ligado a traumas no mundo ocidental, desempenhando um papel fundamental na definição da compreensão do estresse relacionado a traumas nas sociedades pós-conflito. Assim, o conceito

de trauma se tornou onipresente na organização das sociedades ocidentais contemporâneas, o discurso do trauma desempenha um papel fundamental nessas sociedades e na própria configuração de concepções humanitárias do sofrimento (Theison, 2013).

O trauma é o nosso meio atual de estabelecer uma causalidade entre um sofrimento presente e uma violência passada, a cicatriz que um evento trágico deixa em uma vítima individual ou em uma testemunha, e é igualmente a marca coletiva, em um grupo, de uma experiência histórica que pode ter ocorrido décadas, gerações ou mesmo séculos atrás (Fassin; Rechtman, 2009).

Para Bistoën (2016), quando há um evento súbito, imprevisto e aterrorizante que interrompe o fluxo natural da vida, tanto profissionais quanto pessoas comuns recorrem à linguagem do trauma na tentativa de descrever o indescritível. Utilizamos essa mesma linguagem, que abrange tanto aspectos clínicos quanto metafóricos do trauma, para abordar diversas experiências, como estupro, genocídio, escravidão, tortura, ataques terroristas e desastres ambientais. O termo "trauma" foi ampliado para abranger uma ampla variedade de situações extremas e diversas respostas, tanto individuais quanto coletivas.

Essa amplitude do termo trauma também é elaborada por Kirmayer et al. (2014), que argumentam que o trauma pode ser abordado de várias maneiras, como um evento sociopolítico, um processo psicofisiológico, uma experiência física e emocional. É um elemento narrativo nas explicações do sofrimento individual e social. Portanto, a investigação do trauma psicológico vai além do estudo do TEPT, que pode ser considerado como uma espécie de epifenômeno do evento mais fundamental do estresse traumático. Desta forma, visando compreender padrões complexos e consistentes de distúrbios psicológicos associados à exposição contínua a eventos traumáticos, cada abordagem da psicologia iniciou um novo jeito de estudo adjunto às discussões referentes ao estresse pós-trauma, já que cada escola de pensamento inclui diferentes concepções de homem, de psicopatologia e de tratamento.

3.4 Trauma e Fenomenologia-Existencial

A experiência traumática não foi abordada de forma direta por alguns dos grandes nomes da fenomenologia como Heidegger, Husserl e Merleau-Ponty, porém uma análise estrutural nos permite entender um pouco a dinâmica que envolve a experiência.

A conexão entre o trauma e a perspectiva husserliana de fenomenologia proporciona uma abordagem exclusiva para compreender a experiência do trauma. A análise da temporalidade pré-consciente passiva, discutida em textos dedicados à síntese passiva por meio da sedimentação, difusão (*Fortplanzung*) e ressonância da impressão inicial descreve com exatidão o tipo de apatia que um indivíduo atravessa quando confrontado com as consequências traumáticas (Larrabee, 1995).

Enfatizando a importância da experiência subjetiva e da consciência na compreensão do mundo, Husserl permite uma análise mais profunda das vivências individuais do trauma, considerando não apenas os sintomas manifestos, mas também as nuances da percepção e da experiência pessoal. Husserl argumenta que a consciência é intencional, ou seja, sempre se dirige a algo, e é essa direcionalidade que molda a experiência. No caso do TEPT, a consciência do indivíduo pode ser dominada por memórias traumáticas intrusivas, onde o passado invade o presente de forma perturbadora. Essas memórias não são apenas lembranças objetivas do evento traumático, mas experiências subjetivas que impactam profundamente a maneira como o indivíduo percebe e opera. Além disso, a ideia de “epoché” de Husserl, que requer suspender julgamentos e preconceitos para acessar a realidade diretamente conforme se apresenta na consciência, pode ser relacionada ao estudo desse tema (Larrabee, 1995).

Em suma, a fenomenologia husserliana apesar de não abordar diretamente o TEPT oferece uma estrutura conceitual rica para explorar suas complexidades, permitindo uma compreensão mais profunda da vivência subjetiva do trauma.

Em contraponto à abordagem mais transcendental de Husserl, Mary Catherine McDonald (2019) argumenta que Merleau-Ponty enfatiza a corporeidade e a vivência física da experiência humana, considerando o corpo como o ponto de partida para compreender o mundo. Desta forma, em sua fenomenologia o corpo assume uma posição de destaque já que para sua análise é essencial a percepção corporal e as sensações físicas na expressão e na vivência, no caso mais específico deste trabalho. O corpo não é apenas um recipiente passivo para as experiências traumáticas, mas também um mediador ativo em nossa relação com o mundo. Assim, as memórias traumáticas podem se manifestar não só como eventos mentais, mas também através de sensações corporais intrusivas, como tensão muscular, batimentos cardíacos acelerados ou sensação de sufocamento.

Além disso, Merleau-Ponty em sua obra introduz “corpo próprio” como um novo conceito, para a compreensão de corpo, não como constituído de órgãos, mas como um ente próprio, ou seja, que é capaz de reconhecer sua própria existência como um sujeito vivo, pois ele é situado no espaço e não apenas posicionado nele. No contexto, o trauma pode abalar essa sensação ou noção de familiaridade e unidade com o corpo, acarretando um estranhamento em relação ao eu corporal. Isso pode se evidenciar por meio de sintomas como dissociação, onde a pessoa sente-se separada das suas próprias sensações e vivências corporais (McDonald, 2019).

A fenomenologia de Merleau-Ponty ressalta também a importância da intersubjetividade e da intercorporeidade na formação da experiência humana. Desta forma, as relações sociais e as interações interpessoais ocupam um papel crucial na manifestação e na resolução do trauma.

Em essência, a fenomenologia de Merleau-Ponty oferece uma abordagem holística e incorporada para a compreensão do TEPT, conectando aspectos cognitivos, emocionais e corporais. Ao considerar a experiência vivida como absolutamente enraizada na corporeidade e na intersubjetividade, podemos desenvolver uma experiência mais abrangente e abordagens sensíveis para diagnosticar, tratar e apoiar indivíduos afetados por esta condição complexa (McDonald, 2019).

Heidegger, por outro lado, constrói uma teia de significados e conceitos para conseguir compreender o ser humano e conseqüentemente seus desdobramentos. E para sobre o trauma é necessário inicialmente entender como se desdobra seu pensamento em sua fenomenologia-existencial.

O primeiro ponto a se compreender é o termo *Dasein*, que se refere a “ser-no-mundo”, termo que descreve a forma particular que os seres humanos existem no mundo, que não é passível de objetivação. Existe uma indissociação entre mundo e o sujeito; dessa forma, para entender o ser é também necessário compreender o mundo.

Para Martin Heidegger (1988), o termo *Dasein* refere-se ao conceito fundamental de "ser-aí" ou "existência humana" em sua obra. Ele utiliza esse termo para descrever a forma peculiar pela qual os seres humanos existem no mundo, enfatizando sua singularidade e sua capacidade de compreender o ser. O *Dasein* é caracterizado por sua consciência de si mesmo e de sua situação existencial, sua capacidade de projetar-se para o futuro e sua habilidade de relacionar-se com o mundo e com os outros de maneira autêntica. Heidegger argumenta que a

existência revela seu sentido e sua verdade a partir do *Dasein*, e é por meio dessa analítica da existência que ele busca compreender a natureza da existência humana e sua relação com o ser como um todo.

Heidegger (1988) ao estudar as diferentes formas de expressão da existência do *Dasein* chega na categoria da impessoalidade, que desempenha um papel central em sua análise da existência humana e da compreensão do ser. Para o autor, a impessoalidade não implica estritamente em um fenômeno negativo e determinante, mas sim um modo cotidiano de existência, a impessoalidade não se refere à ausência de personalidade ou individualidade, mas sim a uma maneira de ser que transcende a noção tradicional de sujeito autônomo e separado do mundo.

Heidegger argumenta que, no estado de impessoalidade, o ser humano se abre para um modo de existência mais fundamental, no qual ele não está limitado pela perspectiva egocêntrica do eu individual. Em vez disso, ele está imerso em um mundo compartilhado e interconectado, onde sua identidade é moldada pelas relações com os outros, com o ambiente e com o próprio ser, desta forma “não reporta a alguém específico e, sim, a todo mundo ou a gente, referindo-se às maneiras de ser com os outros, nas quais um não se diferencia do outro.” (Cardinalli, 2011, p. 42).

Esse modo cotidiano de existência refere-se a uma forma automática, familiar e superficial que vivenciamos o mundo ao redor, já que partimos muitas vezes de pré-compreensões. O impessoal “promove o distanciamento, a uniformidade e o nivelamento de todas as possibilidades de ser através do caráter público da interpretação do mundo e do ser-no-mundo” (Cardinalli, 2011, p. 42).

Portanto, a impessoalidade no pensamento Heideggeriano não implica uma negação da individualidade, mas sim uma reorientação da nossa compreensão de si mesmo e do mundo, reconhecendo a nossa inserção em um contexto mais amplo e interdependente. Essa perspectiva pode ajudar a superar a alienação e a fragmentação da modernidade, permitindo uma forma mais autêntica de existência em harmonia com o ser.

Heidegger (1988) abordou principalmente essa temática ao defender que a maioria das pessoas vivem uma existência inautêntica, mergulhada nas distrações, preocupações triviais, sem que ocorra muitos questionamentos, mas este modo é necessário para nossa estruturação e convívio em sociedade, por permitir uma eficiência e funcionalidade.

Esta abordagem mostra como a existência inautêntica ecoa de maneira ainda mais profunda quando confrontada com o trauma. No contexto do trauma, essa desconexão se manifesta de maneira ainda mais notória. Esta experiência rompe com o tecido comunitário do *Dasein*, deixando o indivíduo isolado do diálogo humano e muitas vezes isolada em sua própria dor. O trauma transcende a mera intensidade dos sentimentos, já que expõe a fragilidade e contingência da existência em um universo imprevisível e aleatório. A perda de inocência resultante do trauma altera permanentemente a percepção do mundo, revelando um "insuportável enraizamento do ser".

A pessoa traumatizada é alçada para fora da segurança da vida cotidiana, confrontada com uma realidade sem garantias ou continuidade. Assim, o trauma não apenas fragmenta a vida cotidiana, mas também desvela aspectos profundos pois não é a intensidade das emoções que evoca; é uma ruptura radical com a normalidade da existência cotidiana, revelando a vulnerabilidade e a contingência fundamentais de nossa condição humana.

Além deste ponto, Martin Heidegger apresentou a noção de angústia (*Angst*) que ocupa um papel central na existência do *Dasein*. Ela é uma experiência fundamental que se manifesta com a possibilidade de desvelamento do homem e que revela aspectos essenciais da condição do ser-no-mundo.

A angústia se torna um fenômeno original, primordial para a posição do homem frente aos acontecimentos que lhes advêm em sua relação com o mundo. É a angústia que leva a pre-sença a se expor frente aos existenciais fundamentais – a existencialidade (essência da existência), a facticidade (é o que é tal como nós o encontramos) e a decadência, fenômenos que se ligam mutuamente ao cuidado e que traz a descoberta de nossa própria existência. (Santos, 2006, p. 4).

Heidegger (1988) não categorizou a angústia como qualquer outra emoção, pois ela é mais difusa e indefinida, uma ansiedade que não parte de uma concretude, é uma percepção penetrante da finitude que nos coloca diante do nada, somos confrontados com o vazio existencial e com a falta de sentido inerente à existência humana. Importante ressaltar que a angústia não ocupa apenas uma conotação negativa aparente, mas também, é através dela que somos confrontados com uma compreensão mais profunda de nós mesmos, portanto, a angústia é vista como vivência essencial na verdade da existência humana e como uma forma mais autêntica de ser-no-mundo.

Nesse sentido, a análise sobre a angústia lança luz sobre a complexidade da experiência humana, especialmente no contexto do TEPT, onde o trauma pode intensificar essa angústia existencial, confrontando-nos com a vulnerabilidade e a finitude inerentes à nossa condição.

4 SOBRE O TEMPO

4.1 Tempo e História

A história do tempo como campo de estudo é uma trajetória fascinante e complexa que remonta aos primórdios da humanidade. Desde os primeiros seres humanos que observaram os ciclos naturais das estações até as teorias contemporâneas da física, a compreensão e interpretação do tempo têm desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento intelectual da humanidade. Marc Bloch dizia que “a história é a ciência dos homens no tempo”. (Bloch, 2001, p.55).

A humanidade começou observando os ciclos de 28 dias das fases da lua e marcavam cada início como um mês. Em seguida os estudiosos da antiguidade notaram que um ano poderia ser marcado pelo surgimento de certas estrelas e constelações que retornavam à mesma posição a cada 365 dias. Por isso, nosso conceito de Tempo era frequentemente associado aos fenômenos naturais, como o ciclo das estações e o movimento dos corpos celestes.

Um exemplo dessa forma inicial de se pensar o tempo se deu pela construção, pelos egípcios, de um calendário baseado no ciclo da estrela Sírius e nas cheias anuais do Rio Nilo, dividindo o ano em três estações: a cheia, a semeadura e a colheita. Essa concepção do tempo era prática e funcional, centrada nos ciclos naturais e na estabilidade proporcionada pelo rio, além disso, os egípcios tinham uma visão cíclica e repetitiva do tempo, refletida nas crenças sobre a vida após a morte e no ciclo diário do Sol, associado ao deus Rá. O tempo era percebido como uma eternidade cíclica, parte de uma ordem cósmica estável e previsível. Segundo Vernant (1990), foi observado que, na antiguidade, o conceito de tempo tornou-se um tema de preocupações filosóficas, transformando-se em um enigma para a experiência humana. Isso ocorreu devido à incompatibilidade entre a concepção de tempo cíclico e os eventos temporais e sucessivos da vida, das celebrações e das gerações. Dessa forma, tornou-se imperativo distinguir entre o tempo cósmico, o tempo religioso e o tempo humano propriamente dito, e é somente com a entrada da filosofia na Grécia Antiga que o tempo passa a ser questionado e concepções mais abstratas começam a ser confabuladas.

A criação da filosofia na Grécia Antiga representa um dos momentos mais impactantes na história da civilização humana. Esse evento marcante trouxe consigo uma mudança de paradigma, afetando nossa visão de mundo, nossas instituições sociais e, crucialmente, nossa percepção do tempo. Uma nova forma de conceber a realidade foi tomando conta da experiência

humana começaram a abordar conceitos abstratos e universais de uma maneira que ia além das observações práticas e das crenças mitológicas. De acordo com Lloyd (1972), há duas percepções distintas do tempo grego, por um lado, existe o tempo citado acima, das estações e dos movimentos dos corpos celestes, que parecem seguir um ciclo repetitivo. Por outro lado, o tempo não pode ser ignorado como uma progressão linear em direção à inevitável morte, há inúmeras passagens nos poemas homéricos que comprovam estas marcações filosóficas.

Uma das primeiras e mais influentes no século V a.C. foi a escola “Eleática”, com Parmênides e Zeno como principais nomes. Estes consideravam a metafísica como a investigação da realidade fundamental e imutável, sustentando que o ser é uno, imutável e eterno. Eles rejeitavam a ideia de mudança e pluralidade, enfatizando a unidade e a indivisibilidade do ser. A sua negação da realidade da mudança é também uma negação da realidade do tempo. Em termos filosóficos, eles eram considerados como Idealistas sobre o tempo. O tempo é uma mera abstração da mente, invés de um ente que existe na natureza. (Mentzou, 2008)

Outro filósofo imprescindível no campo da metafísica foi Heraclito (500-450 a.C.), já que apresentou uma concepção particular e intrigante sobre o tempo, influenciado pelas suas observações da natureza. Para ele, o tempo era centralmente caracterizado por um fluxo contínuo e perpétuo, acreditava que tudo está em constante movimento e mudança, e que essa mudança é a essência fundamental do universo. A famosa frase atribuída a Heraclito, "tudo flui" (panta rhei), enfatizando a natureza mutável e dinâmica do universo. Ele via o universo como um fluxo eterno, onde nada permanece estático.

Platão (427-347 a.C.) um dos maiores nomes da filosofia influenciado por essas ideias também teorizou sobre a metafísica. A concepção platônica do tempo pode ser encontrada no Timeu, obra em que o filósofo grego apresenta sua cosmogonia. Para o filósofo, o tempo era considerado uma cópia imperfeita da eternidade, que ele acreditava ser habitado pelas formas eternas ou ideias perfeitas. As formas eram universais e eternas, e representavam a verdadeira realidade, enquanto o mundo sensível, incluindo o tempo, era mutável, imperfeito e uma mera cópia das formas. Platão acreditava que o mundo sensível é transitório e sujeito a mudanças, refletindo a natureza fugaz e imperfeita do tempo. Em sua obra "Timeu", Platão associou o tempo ao movimento do cosmos, considerando-o como um "criado" a partir da rotação dos planetas e da dança das estrelas fixas. Ele acreditava que o tempo era uma "imagem móvel da eternidade" e uma forma de mensurar o movimento e a mudança no universo.

Essa visão de Platão sobre o tempo é consistente com sua teoria de que o mundo sensível é uma cópia imperfeita do mundo das formas, onde a verdadeira realidade reside. Portanto, o tempo era visto como uma parte da realidade sensível e, por sua natureza mutável e efêmera, não podia alcançar o status de realidade verdadeira e eterna como as formas.

Aristóteles (384-322a.C.) surge posteriormente para contrapor essa imutabilidade da realidade. Em sua obra "Metafísica" argumenta que a mudança é uma realidade e propõe que o tempo seja a medida do movimento em relação ao passado e ao futuro. Para ele, o tempo é uma dimensão contínua e intrinsecamente ligada aos processos de mudança e transformação no universo. Aristóteles associou o tempo à mudança e o considera uma espécie de régua que mede a alteração e o movimento no mundo físico (Mentzou, 2008).

A filosofia grega não apenas revolucionou nossa percepção do tempo, mas também estabeleceu os alicerces para o pensamento racional, empírico e crítico que é essencial para a progressão do conhecimento humano. Ela nos desafiou a questionar, explorar e compreender o universo de maneiras que continuam a moldar nossa compreensão do tempo e de inúmeras outras facetas da existência humana - e essas diferentes visões sobre o tempo influenciaram não apenas a filosofia, mas também a física, a cosmologia e a teologia ao longo da história.

Para além da filosofia grega um dos grandes nomes da metafísica foi Santo Agostinho (354 d.C. – 430 d.C.). Em seu livro XI da obra Confissões é feita uma das mais importantes reflexões sobre o tempo na história do pensamento ocidental, neste, destaca-se a conhecida análise filosófica sobre o tempo como próprio das impressões do sujeito.

St. Agostinho inicia sua obra problematizando a necessidade ou não de confessar a Deus o que ele já conhece, pois sabe a ocorrência das coisas antes mesmo que aconteçam. Deus, por ser eterno, está fora do tempo e é o criador do próprio tempo - para ele não existe antes ou depois - diz Santo Agostinho (1987, p.211) que “existem, pois, o céu e a terra. Em voz alta dizem-nos que foram criados, porque estão sujeitos a mudanças e vicissitudes”, ou seja, somente as coisas criadas por Deus estão sujeitas à relação de sucessão temporal (Carneiro, 2004).

E partindo deste pressuposto que todas as coisas foram formadas por Deus, St. Agostinho defende que todos estes entes foram criados através da expressão verbal, e essas palavras foram proferidas de maneira eterna - ou seja - não há substituição de palavras, tudo é expresso simultânea e perpetuamente. Essa premissa permite a existência de uma eternidade e

imortalidade, o que seria próprio do tempo é o não ser, Santo Agostinho afirmou que o passado não existe mais, ele existe por força da memória, o futuro ainda não chegou, existe por força da expectativa, e o presente torna-se pretérito a cada instante. Em suma

Portanto, o tempo é subjetivo, pois o modo como nos referimos às coisas depende totalmente de elementos internos (memória, expectativa, sentimento etc.), a apreensão ontológica do tempo não é possível. (Carneiro, 2004, p. 224).

Um outro autor fundamental para entender a temporalidade é Immanuel Kant, cuja contribuição é conhecida como uma “revolução copernicana na filosofia”. Ele combinou elementos do empirismo e do racionalismo, duas das correntes que mais movimentaram a Filosofia Europeia moderna, em uma teoria criticista sem cair em um relativismo. O idealismo transcendental kantiano elaborou uma intrincada rede de conceitos para explicar que nem o empirismo nem o racionalismo oferecem uma explicação completa do conhecimento humano (Carneiro, 2004).

Tratando-se especificamente da temporalidade, em Kant, o tempo é homogêneo, subjetivo e uma forma pura de intuição. Ele sustenta que o tempo não existe fora do espírito, isto é, constitui-se como uma forma de representação a priori da mente humana, fundamental para a organização e sucessão de objetos, e não existe independentemente dela, em suas próprias palavras em *Crítica da Razão Pura*: “O tempo não é um conceito discursivo ou, como se diz, um conceito universal, mas uma forma pura da intuição sensível” (Kant, 1987, p. 147).

Para além da filosofia, autores dentro da revolução científica também foram fundamentais para fundamentar a noção de tempo. Isaac Newton, Galileu Galilei e Albert Einstein são figuras fundamentais na história da ciência e cada um deles contribuiu significativamente para o nosso entendimento da temporalidade.

Newton, com sua teoria da gravitação universal e suas leis do movimento, concebia o tempo como absoluto e independente do observador. Para ele, o tempo era uma entidade universal e imutável que fluía uniformemente em todas as partes do universo. Sua visão do tempo era essencialmente newtoniana, estática e linear. Portanto, como aponta Leite e Andrade-Neto (2023): “as coordenadas de espaço e tempo têm que ser necessariamente grandezas observáveis, e resultados de medidas experimentais.” (Leite; Andrade-Neto, 2023, p. 4).

Galileu Galilei, por sua vez, contribuiu para uma compreensão mais dinâmica do tempo. Ele reconheceu a relatividade do movimento e defendeu a ideia de que o tempo poderia ser percebido de maneira diferente por diferentes observadores, dependendo de seu referencial. Isso

marcou um afastamento significativo da concepção newtoniana do tempo como absoluto e imutável.

Por fim, Albert Einstein revolucionou ainda mais nossa compreensão do tempo com sua teoria da relatividade. Ele unificou o tempo e o espaço em uma única entidade chamada de espaço-tempo e mostrou que o tempo não é absoluto, mas sim relativo à velocidade e à gravidade (Leite; Andrade-Neto, 2023). Portanto, o tempo assume um status de espacialização. Sua teoria introduziu conceitos como dilatação do tempo e curvatura do espaço-tempo, desafiando as noções tradicionais de temporalidade e abrindo caminho para uma compreensão mais profunda e complexa do universo, como é apontado pelo próprio em *A Teoria da Realidade* (1999) em que ele é um suceder no espaço a três dimensões, a física passa a ser de certa maneira um ser no “Universo” a quatro dimensões.

Todo esse percurso na historiografia no estudo do tempo é fundamental para entender como especificamente Heidegger vai compreender o tempo e assinalá-lo em sua obra “*Ser e Tempo*”, apresentando concepções para além das dos autores mencionados acima.

4.2 Tempo na concepção de Heidegger

Heidegger, em sua principal obra *Ser e Tempo* (1927), vai romper com as bases epistemológicas vigentes ao questionar o alcance compreensivo da história da filosofia que, até sua época, limitava os objetos à sua mera presença, ignorando assim o outro lado, que, segundo ele, completa toda a realidade; e questiona a tecnologia moderna por também reduzir os objetos à sua presença, concentrando-se apenas nas funções utilitárias.

Depois de estabelecer esta crítica, Heidegger buscará o que seria a forma adequada de abordar o sentido do Ser. Desta forma é introduzida o que ele denominou como *Ontologia Fundamental*, uma reflexão a respeito do sentido abrangente do ser, como aquilo que torna possível as múltiplas existências. Para ele, o ser é para si mesmo seu próprio fundamento, o que implica que o ser que se dá como fenômeno à consciência se dá como trazendo em si o seu sentido de ser, portanto como no ato o recebendo de nenhuma outra instância.

Assim, o pensamento heideggeriano inaugura uma jornada rumo à compreensão mais profunda da existência humana, delineada pela *Analítica do Dasein*. E um dos pontos fundamentais para entender esta analítica será a temporalidade e os seus desdobramentos.

A temporalidade não é concebida apenas como uma sequência de momentos cronológicos, mas sim como um horizonte de significado que permeia a própria estrutura da existência, tornando-se um aspecto vital da nossa condição de *Dasein*. O tempo então não apenas molda nossa percepção do mundo, mas também é moldado por nossa existência no mundo. Assim, a compreensão autêntica da temporalidade nos permite não apenas conceber o tempo como uma sucessão de eventos, mas também como uma dimensão fundamental da nossa maneira de ser e de nos relacionarmos com o mundo.

Segundo Heidegger (1927), o conceito de tempo só é relevante para os *Daseins* e não para quaisquer objetos inanimados, desta forma, ele desnuda a essência do ser e propõe uma análise existencial que serve como o fulcro da ontologia para formar uma base axiomática para nossa existência em termos de Ser e de Ser-no-mundo. A temporalidade, nesse contexto, não é apenas uma dimensão quantificável, mas sim um modo pelo qual compreendemos nossa própria existência. Heidegger desafia a concepção tradicional do tempo como uma entidade separada e independente, argumentando que sua verdadeira essência só pode ser apreendida dentro da experiência humana.

A temporalidade acaba sendo um dos sentidos do ser; e esse ser pode ser compreendido pelo seu tempo próprio, já que ele deve ser pensado como um campo de possibilidades no tempo, portanto “o *Dasein* não se restringe em sua consciência ao momento presente, mas se projeta no futuro e retrocede ao passado” (Seibt, 2010). Ademais, Heidegger ressalta em suas obras que não é possível engessar o ser em uma unidade imutável e vazia, como uma verdade estática:

A palavra-guia “Ser”, em sua pluralidade de sentidos, permite reconhecer que o discurso sobre ser e ente jamais se deixa fixar numa época da história reveladora do “Ser”. (Heidegger, 2018, p. 31).

Dentro desse paradigma, o tempo não é simplesmente um fenômeno objetivo, mas sim um componente intrínseco da existência do *Dasein*. Ele não apenas marca a passagem dos eventos, mas molda a forma como nos relacionamos com o mundo e, mais crucialmente, como nos tornamos conscientes de nós mesmos. A temporalidade, para Heidegger, é uma teia complexa que entrelaça passado, presente e futuro - transcendendo a visão linear do tempo, incorporando uma compreensão mais complexa e dinâmica da temporalidade humana, desta forma, a temporalidade para a reflexão do sentido de ser é uma dimensão fundamental.

Uma parte crucial do entendimento dessa temporalidade do *Dasein* é sua abertura à temporalidade, ou seja, o horizonte de possibilidade é viabilizado por esta abertura, por permitir ao ser-no-mundo conceber possibilidades e alternativas, moldando sua existência.

Ser-no-mundo é, antes de tudo, abertura (Erschlossenheit), estar aberto para a mundanidade (Weltlichkeit), nos planos da relação cognitiva, tecnocientífica, é lidar com as coisas, manter um relacionamento com elas enquanto utensílios (Zuhandenheit) ou, enfim, relacionar-se com os outros como pessoas, em um modo de ser-com, de compartilhar (mit-sein). (Giaccoia, 2013, p. 74).

Adentrando mais a fundo no horizonte de possibilidade, a temporalização é caracterizada pelos três êxtases: o futuro (advir/porvir), o passado (retrovir) e o presente (apresentar/atualidade). Esses êxtases não são simplesmente momentos sucessivos, mas sim aspectos indissociáveis e interdependentes da experiência temporal. O futuro não é meramente o que está por vir, mas é também influenciado e moldado pelo passado e pelo presente. Da mesma forma, o passado não é apenas o que já ocorreu, mas continua a ecoar e a influenciar o presente e o futuro. E o presente não é apenas um ponto estático no tempo, mas sim o local onde o passado e o futuro se encontram e se manifestam.

Nunes (2004, p. 25) ressalta essa interdependência, quando menciona que “*O Dasein só retrovem (passado) advindo (futuro) a si porque retrovem ao advir é que gera o presente*”; essa inter-relação entre passado-presente-futuro revela a complexidade da temporalidade humana, onde cada momento é permeado por traços do passado e projeções do futuro. Essa compreensão temporal heideggeriana oferece uma perspectiva mais rica e integrada da experiência humana, na qual o tempo não é visto como uma linha reta, mas sim como um horizonte de possibilidades e significados entrelaçados.

A temporalidade, como foi posto acima, assume o caráter de sentido fundamental, concede-lhe uma visão de prever tanto a vida quanto a morte. Em outras palavras, o sujeito examina sua existência de maneira consciente e intencional, tornando-se fundamentalmente histórico. Em resumo, ao considerar o tempo como o contexto para entender o ser, Heidegger está conectado a uma linhagem que permite, em certa medida, ver o tempo como uma base necessária para compreender o ser, e somente ao compreendê-la profundamente podemos alcançar um entendimento autêntico da nossa própria existência. Assim, a ontologia heideggeriana se revela como uma busca para desvelar as estruturas fundamentais que dão forma ao nosso ser no contexto temporal, lançando luz sobre o significado mais profundo da nossa presença no mundo.

Esta compreensão do tempo é colocada como uma viabilidade existencial, como uma efetivação mais autêntica. Essa viabilidade é construída através da finitude e suas implicações - como foi elaborado por Joel Decothé e Jeferson Azeredo (2022) - já que ela é a referência da morte, sendo um acontecimento fenômeno de caráter existencial, devido sua potencialidade de desvelar o agir e remeter o *Dasein* para dentro da imanência mais profunda e verdadeira do tempo.

E, ao direcionar sua atenção para a morte, Heidegger (1927) elabora o conceito de ser-para-morte, para conseguir compreender como funciona a dinâmica do *Dasein* ao perceber-se como um ser irremediavelmente limitado, já que o morrer pertence como possibilidade à existência, isso implica na sua própria finitude e com a necessidade de entender a angústia que surge desse vazio existencial, que não é compreendida enquanto um sintoma, mas uma condição fundamental de sua própria existência.

Isso implica confrontar a própria finitude e lidar com a angústia que surge diante do inevitável desaparecimento e do vazio existencial. Assim, a compreensão do tempo, que emerge da finitude e da antecipação da morte, busca na compreensão desse fenômeno uma oportunidade de definir o modo particular de existência do *Dasein*, conhecido como ser-para-a-morte.

Entender a temporalidade heideggeriana é uma tarefa árdua, especialmente em um espaço tão limitado que é uma monografia. Contudo, para este trabalho, o que se apresenta como fundamental é compreender que a temporalidade do *Dasein* difere fundamentalmente do tempo cronológico. A temporalidade fenomenológica é singular que destaca as possibilidades e impossibilidades de ser, tornando o *Dasein* o único ente com a capacidade de se autodeterminar de forma autêntica. Assim, conseguimos compreender nosso modo de ser porque, em algum âmbito, já possuímos uma pré-compreensão da temporalidade, já que estamos inseridos inseparavelmente nela, como é posto por Alexandre Guedes:

Quando nos damos conta da finitude de nosso existir, já estamos na estase da presença que é constatada pela angústia de ser um ente caminhante para o nada da morte; que estamos jogados no mundo sem uma existência pré-determinada; e que precisamos decidir, ou por uma existência própria e autêntica, ou por apenas viver como todos vivem. (Guedes, 2020, p. 234).

Em suma, Heidegger através de sua analítica da temporalidade oferece uma perspectiva profunda da existência humana. Ao romper com concepções tradicionais de tempo e ao destacar a importância da finito, Heidegger reconhece a temporalidade não apenas como uma sucessão de eventos, mas como um aspecto essencial da experiência humana.

5 O TRAUMA E TEMPORALIDADE

A situação traumática modifica universalmente e profundamente a estrutura de existência de um sujeito. O impacto transcende a mera ocorrência de um evento singular, ocorre uma alteração fundante da existência, e como o ser e o tempo são indissociáveis, a temporalidade daquele sujeito também vai ser intrinsecamente modificada. Remen (1993) em sua obra “O paciente como ser humano” tentou compreender como diferentes percepções de tempo afetam a subjetividade de um sujeito. Destaca que, uma visão restrita do tempo, pode privar, na mesma medida, a compreensão da importância e o significado de eventos e comprometer uma avaliação abrangente sobre a origem da saúde ou adoecimento de uma pessoa. A melhora da saúde exige uma percepção flexível e cuidada sobre o tempo (Remen,1993). Essa compreensão da inseparabilidade de sintoma e temporalidade é necessária para compreender com completude todas as nuances que circundam o fenômeno traumático.

O TEPT, em uma perspectiva fenomenológica-existencial, pode ser compreendido como uma experiência complexa de uma manifestação profunda e subjetiva que emerge a partir da vivência do evento e não simplesmente uma resposta ao traumático. Em termos fenomenológicos, o TEPT é uma expressão intrínseca do *Dasein* em sua interação com o momento e todos os desdobramentos que se seguem no mundo.

Quando pensamos sobre o impacto do trauma, é fundante entender seu potencial destruidor das ilusões da vida cotidiana, que expõe as entranhas da nossa condição humana, que escapam e encobrem a finitude, a contingência e o enraizamento de nossa existência e a indefinição da extinção certa, revelando assim a fragilidade, efemeridade e vulnerabilidade que permeia a experiência do *Dasein*.

Essa confrontação desestabiliza as estruturas habituais de significado e segurança, projetando-nos em uma particular e profunda experiência de ansiedade existencial e perda de significado. Neste sentido, somos levados a uma experiência de Ser-para-a-morte genuína, já que a finitude se expressa de maneira tão crua, e assim como a morte, o trauma nos obriga a confrontar a nossa existência de forma individualizada, sem escapatórias, nos obrigando a reconhecer a nossa condição de seres finitos e contingentes. Essa confrontação brutal nos individualiza de maneira que as sensações de angústia se manifestam em um desamparo, uma insuportável singularidade e uma dolorosa solidão.

E estando nessa forma tão visceral, e fora dos confortos da cotidianidade, a nossa temporalidade é profundamente impactada. A unidade extática que cotidianamente experimentamos é colocada em uma desordem, toda noção de duração e linearidade desmorona, enquanto a realidade se estilhaça, desta forma, somos confrontados com perdas catastróficas de perspectivas, onde as estruturas que antes nos sustentava são demolidas, deixando-nos desnorteador e desorientados diante dessa nova forma de existir.

Ademais desse estilhaçamento da realidade, outros desdobramentos patológicos podem ser desencadeados como: um engessamento, uma fixação no passado, gerando uma incessante repetição do trauma, o que pode ser exemplificado nesta passagem de “Uma Vida Pequena”, em que o protagonista revela tal angústia em rememorar os momentos para identificar exatamente quando o trauma ocorreu, quase que em uma tentativa de congelar o tempo e encontrar sentido no caos.

Quando adulto, tornou-se obcecado, durante longos períodos, por identificar o exato momento em que as coisas deram errado como se pudesse congelá-lo, preservá-lo em ágar, erguê-lo diante de uma sala e explicar aos alunos: Foi isso que aconteceu. Foi aqui que tudo começou. (Yanagihara, 2015, p. 169).

Para além disso, o presente não se materializa, de forma que o passado se presentifica, e o futuro torna-se destituído de significado, já que há uma recusa em enfrentá-lo, com todas as suas incertezas, levando muitos a se refugiarem no que foi, evitando se engajar no presente e no porvir, portanto a angústia fundamental pode se situar com um medo, como é descrito nesta passagem de “*Uma Vida Pequena*”:

A ambição de Jude, era motivada pelo medo de que, se não seguisse em frente, de alguma forma acabaria voltando ao passado, para a vida que deixara e sobre a qual não falava. (Yanagihara, 2015, p. 50).

Portanto, a patologia no trauma desencadeada indubitavelmente uma angústia existencial profunda, angústia esta que também não é apenas uma resposta emocional superficial, mas um fenômeno visceral da fragilidade da própria condição humana é uma resposta a ameaça da nossa integridade, ao significado da nossa existência e nossa própria finitude e mortalidade. Nesse sentido, existe uma passagem do livro que resume com primazia essa angústia em um momento que Jude, personagem principal, ao enxergar sua realidade em termos matemáticos, descreve o axioma da igualdade ($x=x$) e acredita que sempre será um produto daquilo que o trauma o fez.

Mas ele agora tem certeza do quanto o axioma é verdadeiro, pois ele mesmo - sua própria vida - o havia provado. A pessoa que eu fui sempre será a pessoa que sou

conclui. O contexto pode ter mudado: ele pode estar naquele apartamento, pode ter um emprego de que gosta e que paga bem, pode ter pais e amigos que ama. Pode ser respeitado; no tribunal, pode até ser temido. Mas, fundamentalmente, ainda é a mesma pessoa, uma pessoa que desperta repulsa, uma pessoa que merece ser odiada. E, naquele microssegundo em que se vê suspenso no ar, entre o êxtase de estar flutuando e a expectativa da aterrissagem, que sabe que será terrível, entende que x será sempre igual a x , não importa o que faça ou quanto anos se passem, não importa o quanto ganha ou quanto tente esquecer. Aquela é a última coisa que pensa (...) $x = x$, pensa. $x = x$, $x = x$. (Yanagihara, 2015, p. 373).

Outro conceito de Heidegger que corrobora para um pensamento analítico é *Ereignis*, apresentado em *Contribuições à Filosofia* (1989) como desdobramento do conceito de cuidado presente em *Ser e Tempo*. Como é colocado por Borges-Duarte (2019, p. 35),

A radicalização da problemática fenomenológica da intencionalidade atinge o seu conceito de *Ereignis* (...) nele, está pensado tempo kairológico do mútuo apropriar-se do ser e do aí em que toma forma: o erigir-se dos humanos em ser-o-aí (do ser) no instante propício do mais próprio dar-se do ser. O acontecimento dessa apropriação recíproca manifesta-se de muitas maneiras: em palavras, gesto, ato, obra.

Neste âmbito, *Ereignis* é complementar para compreender o "como é" do ser, especialmente na sua dimensão poética, já que não se limita apenas ao ser e amplia o conceito do próprio tempo, sendo o acontecer do ser. Na clínica fenomenológico-existencial, *Ereignis* é fundamental para abordar o TEPT, visto que o trauma é uma interrupção desse acontecer, uma absoluta impossibilidade de algo se manifestar, uma patologização do tempo que impossibilita a manifestação no *Ereignis*, já que nele o tempo se propícia para.

Portanto, cada vivência de trauma vai gerar desdobramentos singulares e particulares. Em se considerando o enfoque da prática clínica em psicologia, e a título de um recorte, essa compreensão sobre os desdobramentos do trauma refletirá na relação terapêutica. Para compreender os encaminhamentos e as possibilidades da abordagem desse fenômeno é essencial começar por entender como a fenomenologia existencial interpreta a enfermidade.

Heidegger (1989), em "Seminários de Zollikon", argumenta que a enfermidade deve ser compreendida como uma privação, que é revelada na atmosfera da angústia, já que, como é apontado por Reis (2016), a enfermidade seria um *Stimmung* (sintonia) pois evidencia uma priori existencial.

A enfermidade não é a pura negação do estado psicossomático de saúde, mas sim, como propõe Nogueira (2011), uma privação que implica a pertinência essencial de algo ao que lhe faz falta, do que tem a necessidade, de uma compreensão pré-ontológica da privação. Essa restrição é refletida pela perda de liberdade e pela diminuição das oportunidades de viver e da potencialidade do *Dasein*.

No caso do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), como abordado anteriormente, observa-se uma rigidez na realidade, onde as possibilidades de ser se tornam mais limitadas para responder às exigências da vida. Dentro desse sofrimento, desdobram-se inúmeros caminhos e implicações clínicas, uma vez que a essência da saúde, como explica Nunes (2011), coincide com a própria essência extática do *Dasein*, em sua abertura primordial para o ser. Em outras palavras, todas as potencialidades do *Dasein* no plano existencial resultam dessa abertura.

Neste percurso existencial que visa uma melhora da condição patológica, o *Dasein* enfrenta o desafio de reencontrar sua autonomia e liberdade. E a fonte deste processo reside na singularidade pessoal do *Dasein*, na escolha de sua própria trajetória. É possível que haja um desenvolvimento de uma habilidade compensatória a sua perda de liberdade, ou em condições graves como elabora Nunes (2011, p. 265):

o homem experimenta dificuldade de acesso a potencialidades inéditas. É-lhe difícil ou impossível desenvolver a habilidade de finalidade adaptadora, que contorne ou compense sua deficiência na vida cotidiana.

E em casos em que há um trabalho terapêutico apropriado no qual o terapeuta adote uma postura de acolhimento e compreensão é possível que o paciente tenha um entendimento melhor da sua vivência.

Como é elaborado por Perosa (2022), o acolhimento pressupõe uma consideração em que é levado em conta o outro, sem apresentar pré-julgamentos, e uma tolerância de não julgar o paciente em sua coerência, em seus valores e em seus propósitos. Cardinalli (2005, p. 61) complementa:

A prática terapêutica daseinsanalítica exige do analista especialmente um desprendimento de si e um acolhimento ao paciente. (...) Todas as possibilidades do paciente devem ter uma chance de emergir e não deve considerar as ideias, desejos ou julgamentos pessoais do analista.

A compreensão, por outro lado, promove um processo de significação, e nessa significação há um procedimento que promove temporalidade, já que o paciente consegue localizar sua vivência para se livrar da repetição do sintoma e ampliar a compreensão do fenômeno traumático e da sua abertura, já que o paciente consegue promover novas possibilidades futuras (Perosa, 2022). Nesse sentido:

A relação terapêutica busca ser esse aí em que o ser da vivência do paciente pode se expressar em plenitude. Nela, o terapeuta se põe a construir com o paciente um pedaço

de mundo em que exista aceitação e acolhimento para que o ser do vivido possa irromper como compreensão e a partir daí fazer história. (Perosa, 2022, p. 59).

A relação terapêutica, portanto, pode auxiliar o ser humano a tomar conhecimento do significado e sentido da sua vivência e pensar sobre o papel fundante da temporalidade nesta condição patológica intrinsecamente temporal. Assim é possível que o *Dasein* recupere a liberdade de explorar sua própria potencialidade de ser.

Desse modo, o trauma emerge como um catalisador poderoso que evidencia nossa condição de *Dasein*, porque somos ser-no-mundo, perpetuamente imersos na temporalidade e em um constante recriar-se. Esta percepção nos confronta com a responsabilidade contínua de escolher entre uma existência autêntica e uma inautêntica, à medida que nos envolvemos com as várias possibilidades que nos vêm ao encontro.

6 DESFECHOS

Construir esse trabalho de conclusão de curso foi um longo processo; desafios substanciais permearam a construção desse estudo. A imersão nos meandros conceituais da fenomenologia existencial me exigiu um constante exercício de reflexão hermenêutica. Além disso, na revisão bibliográfica sobre traumatologia, deparei-me com um vasto universo de artigos e decifrar quais seriam pertinentes para este TCC foi um exercício extremamente complexo, já que uma infinidade de tipos de perspectivas surgiu.

A necessidade de discernir entre materiais de relevância e aqueles que poderiam ser nocivos tornou-se evidente, no sentido que giravam em torno de uma culpabilização do sujeito pelo seu sofrimento. Também me deparei com materiais de autoajuda simplistas que propagavam resultados rápidos e irreais ou que apenas focavam em descrições de psicopatologia e medicalização.

A riqueza e a quantidade substancial de pesquisas existentes reiteram a importância da temática deste trabalho, pois o adoecimento psíquico e a temporalidade são tópicos indissociáveis e necessitam de permanente atualização tanto em teoria, quanto em prática clínica, propiciando novos olhares e significações. Esse processo de imersão na intrincada fenomenologia existencial heideggeriana ampliou meus horizontes de compreensão acerca da complexidade do fenômeno traumático e da tessitura temporal dos *Daseins*. Essa experiência de imersão teórica reverberou significativamente na minha formação e na minha futura prática clínica, propiciando-me um olhar com um rigor teórico-metodológico que me fez ter uma postura mais crítica, reflexiva, contextualizada e fenomenológica do sofrimento humano.

O esforço contínuo para alinhar as descobertas teóricas juntamente com as aplicações práticas foi uma parte fundamental deste processo. Cada etapa do desenvolvimento do trabalho exigiu uma habilidade e um tipo de leitura, e a necessidade de contextualizar essas ideias no âmbito da prática clínica me existiu a um novo olhar, já que foi necessário integrar os conceitos heideggerianos com as realidades da traumatologia. Ao longo deste percurso pude perceber a importância de uma abordagem integrativa que não apenas reconhece a multiplicidade de fatores que influenciam o sofrimento psíquico, mas também busque novas formas de interpretação e intervenções focadas em uma postura clínica de acolhimento e compreensão para promover um processo de significação para os pacientes do seu sofrimento.

Por fim, considero que o objetivo deste trabalho foi atingido. Através de uma revisão bibliográfica e análise aprofundada, foi possível integrar os conceitos da fenomenologia acerca da temporalidade com as implicações e desdobramentos do transtorno de estresse pós-traumático. A abordagem crítica e reflexiva adotada ao longo do processo permitiu não apenas a elaboração de um estudo teórico, mas também a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos, culminando em uma contribuição significativa para minha formação em psicologia.

REFERÊNCIAS

- ALARCON, Renato; FREEMAN, A. M. Rutas ontológicas de la nosología psiquiátrica: ¿Cómo se llegó al DSM-5?. **Revista Neuropsiquiatra**, Lima, v. 78, nº 1, 2015
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 3rd ed. Washington (DC); 1980.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 4rd ed. Washington (DC); 1994.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5rd ed. Washington (DC); 2013.
- BARNABÉ, Milanesi. (Org.). **Fenomenologia existencial e prática em psicologia**: Alguns estudos. 1ed.Rio de Janeiro: Via Verita, 2016, v. 1, p. 147-158.
- BARNHILL, John W.. **TEPT**. In: Manual MSD. New York-Presbyterian Hospital; Abril 2020
- BERGSON, Henri. **Mélanges** . Paris: PUF, 1972.
- BISTOEN, Gregory. **Trauma, Ethics and the Political Beyond PTSD**: The Dislocations of the Real. [S. l.: s. n.], 2016
- BORGES-DUARTE, Irene. **A apropriação propícia**: pensar e amar como acontecimento em Heidegger. *Nat. hum.*, São Paulo , v. 21, n. 1, p. 34-53, jun. 2019 .
- CARDINALLI, Ieda Elizabeth. A Contribuição das Noções de Ser-no-mundo e Temporalidade para a Psicoterapia Daseinsanalítica. São Paulo: **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, nº 14, p. 55-63, 2005.
- CARDINALLI, Ida Elizabeth. **Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Um estudo fenomenológico-existencial da violência urbana**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- CARNEIRO, Marcelo Carbone. Considerações sobre a ideia de tempo em Santo Agostinho, Hume e Kant, *Interface*. **Comunicação, Saúde, Educação**, v.8, n.15, p.221-232, 2004.

- DECOTHÉ, Joel Francisco; AZEREDO, Jeferson Luiz. A temporalidade como fundamento ontológico em Martin Heidegger. **Problemata : Revista Internacional de Filosofia**, [s. l.], v. 13, p. 45-61, 1 set. 2022.
- EHLERS, A. & CLARK, D. M. **A cognitive model of posttraumatic stress disorder. Behaviour Research and Therapy**, Los Angeles, v.38, p.319-345, 2000.
- EINSTEIN, Albert. **A Teoria da Relatividade Espacial e Geral**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1999.
- EVANGELISTA, Paulo. **Temporalidade kairológica do Dasein e Plantão Psicológico**. Minas Gerais, 2016
- FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. **The empire of trauma: an inquiry into the condition of victimhood**. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- FREUD, Sigmund. **A Etiologia da Histeria**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago; 1896. p 215-49. Vol III, 2016.
- FREUD, Sigmund. **Estudos sobre histeria**. In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. p. 13-59. Vol. II, 2016.
- GERRIG, Richard; ZIMBARDO, Philip. **A psicologia e a vida**. 16. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005
- GIACOIA JUNIOR, O. **Heidegger urgente: introdução a um novo pensar**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- GUEDES, Alexandre. **Temporalidade, sentido autêntico da existência e a questão da ontologia fundamental em Heidegger**. Nat. hum., São Paulo , v. 22, n. 2, p. 219-236, dez. 2020
- HALL, John. The Time of History and the History of Times. **History and Theory**, vol. 19, no. 2, 1980, pp. 113–31. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/2504794>. Accessed 10 Oct. 2023.
- HAUBERT, Laura Elizia. Apontamentos sobre a Questão do Tempo na Grécia. **Prometheus**, [S. l.], n. N.31, 1 set. 2019.

HAUCK, Simone. A evolução histórica do conceito de estresse pós-traumático. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [S. l.], p. 8-11, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Contribuições A Filosofia- Do Acontecimento Apropriador**. [S. l.]: Via Verita, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e diferença**. 1ª edição. ed. [S. l.]: Vozes De Bolso, 2018.

HEIDEGGER , Martin. **Seminários de Zollikon: Protocolos, Diálogos, Cartas**. BOSS , Medrad (ed.). [S. l.]: Editora Escuta, 1987. v. 3.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 10ª edição. ed. [S. l.]: Editora Vozes, 2015

HEIDEGGER, Martin. **The Concept of Time in the Study of History**. [S. l.]: Livraria Press, 2023.

HERMAN J. Trauma and recovery. **New York: Basic Books**; 1992.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

KIRMAYER, Laurence J; GONE, Joseph P; MOSES, Joshua. **Rethinking historical trauma. Contribuições para a clínica Psicanalítica do Trauma**, [S. l.], p. 299-319, 1 jun. 2014.

LARRABEE, Mary Jeanne (1995). **The time of trauma: Husserl's phenomenology and post-traumatic stress disorder. Human Studies** [s. l.], v. 18, ed. 04, p. 351-366, 1 out. 1995.

LEITE, Viviane B.; ANDRADE-NETO, Antônio V. Conceitos de espaço, tempo e movimento na Mecânica Clássica e na Teoria da Relatividade. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, [S. l.], v. vol. 45, p. 1-13, 2023.

LLOYD, Geoffrey R. Le temps dans la pensée grecque. Paris: **Organisation des Nations Unies**, 1972.

MCDONALD, MaryCatherine. **Merleau-Ponty and a Phenomenology of PTSD: Hidden Ghosts of Traumatic Memory begins**. [S. l.: s. n.], 2019.

MENTZOU, Demetra Sfendoni. C.S. Peirce and Aristotle on Time. **Cognito**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 261-280, 8 dez. 2008.

- NOGUEIRA, Roberto Passos. Extensão fenomenológica dos conceitos de saúde e enfermidade em Heidegger. **Ciência saúde coletiva** [Internet]. 2011.
- NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004
- PERON, Paula Regina. **Contribuições para a clínica Psicanalítica do Trauma**. [S. l.: s. n.], 2007.
- PEROSA, Miguel Angelo Yalenti. **A aceitação na relação terapêutica e sua fundamentação fenomenológica existencial**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.
- REIS, Róbson Ramos dos. **A abordagem fenomenológico-existencial da enfermidade: uma revisão**. São Paulo, 2016.
- REMEN, Rachel Naomi. **O paciente como ser humano**. São Paulo: Summus, 1993
- SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SANTOS, Leandro Assis. A noção de angústia no pensamento de Martin Heidegger. **“Existência e Arte” - Revista Eletrônica do Grupo PET**, [s. l.], 1 dez. 2006.
- SCHESTATSKY, Sidnei; SHANSIS, Flávio; CEITLIN, Lúcia Helena; ABREU, Paulo B S; Schiraldi, G. R. **The post-traumatic stress disorder sourcebook: a guide to healing, recovery, and growth**. New York: Mc Graw Hill, 1999.
- SEIBT, Cezar Luís. Temporalidade e propriedade em ser e tempo de Heidegger. **Revista De Filosofia Aurora**, 2024.
- SHER., L. Recognizing post-traumatic stress disorder. **An International Journal of Medicine**, 1-5, 2004.
- STOLOROW, Robert D. A phenomenological-contextual, existential, and ethical perspective on emotional trauma. **The Psychoanalytic Review**, [S. l.], v. Vol.102, n. No.1, p. 123-138, 2015.
- VAN DER KOLK BA, Weisaeth L, van der Hart O. **History of trauma in psychiatry**. New York: Guilford; 1996.
- VOLICH, Rubens Marcelo. **Psicossomática**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2000.

YANAGIHARA, Hanya. **Uma vida pequena.** [S. l.: s. n.], 2015.

YOUNG, Allan. An Alternative History of Traumatic Stress. In: Shalev, A. Y.; Yehuda R. McFarlane, A. C. (Eds.). **International Handbook of Human Response to Trauma.** Springer Series on Stress and Coping. Boston, MA: Springer, 2000.

YOUNG, Allan. **The harmony of illusions: inventing Post-Traumatic Stress Disorder.** New Jersey: Princeton University Press, 1995.